

Economia

DE NOVO

Americanas adia divulgação de resultado

Processo de aprovação dos relatórios de janeiro a setembro não foi concluído

PESO NO BOLSO

SEM ALÍVIO NA CONTA DE LUZ

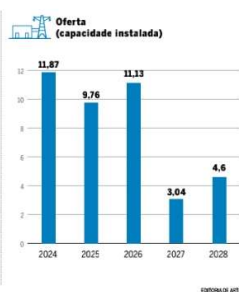
Geração de energia cresce mais que o consumo, mas efeito não deve chegar ao consumidor

DESCOMPASSO ENTRE OFERTA E DEMANDA

Aumento projetado nos próximos anos (em GW)



Fonte: ONS



COMPANHIA ANEL

O sistema elétrico brasileiro enfrenta a lei da oferta e da procura. Estudo do Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS) mostra que a oferta de energia no país crescerá quase o triplo do consumo nos próximos anos. Mas, ainda assim, não há garantia de que a conta de luz ficará mais barata. De 2023 a 2028, a expectativa é que o consumo aumente cerca de 14,5 gigawatts (GW), o equivalente a uma usina de Itaipu, enquanto a capacidade instalada subirá 40,4 GW ou 178% a mais.

Em condições normais, o aumento da oferta levaria à redução da tarifa. O problema, apontam especialistas, é que o sistema elétrico brasileiro vem acumulando distorções que acabaram sendo pagas pelos consumidores. Para 2024, a conta de luz do brasileiro deve subir, em média, 5,6% acima da inflação, segundo projeções da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel). Existem, basicamente, três explicações para esse cenário. O primeiro aspecto é que parte das usinas que não puderam gerar energia no período terá que ser indenizada. O segundo fator é o aumento da geração de fontes eólica e solar. De um lado, isso é benéfico por se tratar de fontes de energia limpa, mas, por outro, são intermitentes, o que vai obrigar o acionamento de termelétricas, mais caras, nos momentos sem vento ou luz do sol.

DECISÃO DO 'SÍNDICO'

Além disso, o terceiro aspecto a levar em conta é o crescimento da chamada geração distribuída, na qual o consumidor produz a própria energia —principalmente com painéis solares nos telhados. Quanto mais gente aderir ao modelo, menor a base de clientes das distribuidoras, que arcarão com custos e subsídios do sistema.

—Estamos vendo a triste consequência do excesso de intervenção que alimenta subsídios e outras distorções. Com o aumento das fontes inflexíveis (que não podem ser acionadas e desligadas pelo operador), entre elas solar e eólica, mas não só elas, outras fontes são

deslocadas e impedidas de gerar. Elas já começaram a pedir indenizações — afirmou Eduardo Santana, ex-diretor da Aneel.

O sistema elétrico brasileiro foi desenhado como uma espécie de condomínio, em que o síndico é o Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS), e os inquilinos são as empresas geradoras, transmissoras e distribuidoras. Com energia sobrando no sistema, o ONS terá que permitir que algumas usinas gerem energia, mas determinar que outras fiquem paradas. E essas que ficarão "paradas" terão que ser remuneradas pelos consumidores.

Esse cenário foi agravado porque diversas fontes rece-

beram incentivos, principalmente via decisões no Congresso, e terão prioridade para gerar energia. Estarão sempre no primeiro lugar da fila do ONS. Foi assim com as fontes renováveis, como eólica, solar, geração distribuída, mas também com fontes poluentes, como termelétricas a gás nas regiões Norte e Nordeste. Elas entram no sistema de forma "inflexível".

ÁGUA DESPERDICADA

Uma das consequências dessa sobra de energia é que em 2023 o país bateu recorde de "energia vertida turbinável" pelas hidrelétricas, um jargão do setor elétrico que representa na prática a água que foi desperdiçada

de propósito, sem passar pelas turbinas de geração. Isso acontece quando a afluência de água supera a demanda por energia. O percentual bateu em 13%, contra uma média na casa de 3%.

Segundo estudo do Instituto Acende Brasil, 9% do consumo de energia do país poderia ter sido atendido por essa fonte no ano passado. Mesmo com energia de sobra, o IBGE apontou que a energia residencial medida pelo IPCA saltou 9,52% para os consumidores residenciais nesse ano.

A estimativa do Instituto Acende Brasil é que 6% da energia gerada pelas fontes solar e eólica também será " jogada fora" a partir de 2027.

—A geração distribuída cresceu de forma descontrolada. E ela não pode ser cortada pelo ONS. Isso levará ao corte de outras fontes, o que irá trazer desequilíbrio para o sistema elétrico e aumento de custos — afirmou Claudio Sales, presidente do Acende Brasil.

Em 2023, a demanda por energia no país foi de 96,45 GW, para uma capacidade de geração de 255,2 GW. Segundo Sales, do Acende Brasil, o descompasso entre oferta e demanda também foi agravado pela pandemia, que ajudou a frustrar as projeções de consumo no país.

—Estamos com uma sobreoferta estrutural. Nosso parque gerador foi planejado para uma carga (consumo) maior. Houve frustração muito grande, com a pandemia. Isso também influenciou — disse Sales.

O presidente da Associação Brasileira de Energia Solar Fotovoltaica (Absolar), Rodrigo Sausa, diz que o aumento da geração de energia no país, principalmente das fontes renováveis, atende a um desejo não só do país, mas também do setor, para que a matriz energética fique cada vez mais limpa.

SAÍDA PELA EXPORTAÇÃO

Ele entende que uma das formas de se mitigar esse descompasso entre oferta e demanda é o Brasil conseguir aumentar a exportação de energia.

Países como Uruguai e Argentina já possuem linhas de transmissão conectadas ao Brasil, e recentemente a Hidrelétrica de Jirau, em Rondônia, anunciou a construção de uma linha até a Bolívia. Sausa diz que a demanda no país pode crescer acima do esperado, com o processo de eletrificação de vários segmentos da economia.

—A demanda vai crescer mais por conta da eletrificação dos transportes, a indústria também está trocando seus processos produtivos, de processos de matérias-primas, tudo por eletricidade em busca da redução de emissões — afirmou o presidente da Absolar.

Ele entende que é legítimo que o Congresso se envolva em políticas públicas relacionadas ao setor de energia, principalmente diante da necessidade de se combater o aquecimento global. Porém, acredita que medidas ligadas ao planejamento do setor devam ficar a cargo do Poder Executivo. —Precisamos de marco legal para que existam incentivos, combustível limpo, perspectiva de segurança jurídica, regras claras, transparência, previsibilidade. O problema é quando a gente começa a ver medidas que têm relação com o planejamento do setor. Há um órgão específico para isso, a Empresa de Planejamento Energético, que é ligada ao Executivo, e não ao Legislativo — afirmou.

ENTREVISTA

Luiz Carlos Ciochetti, diretor-geral do ONS

'É HORA DE REPENSAR A ESTRUTURA DO SETOR'

ENTREVISTA

O diretor-geral do Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS), Luiz Carlos Ciochetti, entende que o modelo do setor elétrico foi "virado de cabeça para baixo" nos últimos anos. E avalia que será preciso negociar e redefinir sua estrutura.

Por que a sobreoferta de energia é um problema?
Diferentemente de outros mercados, no setor elétrico não se consegue arma-

zenar o produto. Já colocamos recorde de consumo com 92,4% de energias renováveis (no início do mês). Lindo, mas se não tem essa demanda, o que fazer com essa energia que é renovável e não armazenável? Tem que verter (jogar fora) água, vento ou sol. O dilema do ONS é que temos que escolher qual dessas três fontes poderá produzir.

Como o senhor explica que

teremos sobra de energia no país e não necessariamente a conta vai cair?

Temos energia, reservatórios em nível bom, mas se todo mundo quiser usar ar-condicionado, ter freezer cheio, tudo na mesma hora, vai chegar um momento em que as hidrelétricas não vão mais conseguir produzir, mesmo tendo água. O que o ONS tem que fazer? Precisa acionar termelétrica, e aí aumenta o custo da energia. Um dos paradoxos é esse.

Exportar energia pode ser

uma opção?

O que fazer com a sobreoferta de um produto que não consigo armazenar? Resposta simples é aumentar a demanda, embora seja difícil de implementar. Um dos lados é exportação de energia, embora não resolva tudo. A gente tem um comércio bastante intenso com Argentina e Uruguai.

A grande expectativa de aumento do nosso consumo. Vemos planos de industrialização, produção de hidrogênio, que é grande consumidor de energia. Produção de eletro-intensivos, pro-

dução de alumínio, que é energia empacotada.

O que precisa ser revisto no modelo?

Para a distribuidora de energia, pegamos o modelo e viramos ele de cabeça para baixo. O que temos hoje é um arcabouço estabelecido há mais de 25 anos. A gente precisaria sentar e rever toda essa estrutura de modelo do setor elétrico. As mudanças que aconteceram nos últimos 25 anos, seja do ponto de vista de tecnologia, de modelo de negócios, me levam a crer que é hora, sim, de se repensar a estrutura do setor elétrico como um todo.

Como fazer todo mundo sentar na mesa e negociar?

O que não funciona já sabemos. É uma medida provisória, tentar resolver isso com uma caneta. Por mais difícil que seja, tem que sentar todo mundo, e fazer um estudo absolutamente independente.

É um choque regulatório?

Como se faz planejamento da expansão (da geração de energia)? Vê onde a carga vai aumentar, e pensa onde vai precisar de usinas. E também o planejamento da linha de transmissão. Agora, o que está acontecendo? A oferta está aparecendo. Isso precisa ser revisto. Fazer mais remédios que fomos fazendo ao longo do tempo, acho que já estamos com o modelo bem esgotado (disso). É hora de parar e pensar no todo. (Alvaro Gribel)



LEO PEREIRA/ALTO LADO